

# Desvalorização é a saída

O câmbio é a chave para os problemas que o Brasil deve enfrentar daqui para a frente para obter êxito com o ajuste fiscal proposto pelo Governo. Segundo Jorge Madeira Nogueira, a política econômica privilegiou a privatização, o controle da inflação e a manutenção ou estabilização da moeda, mas no campo interno, além do ajuste das contas públicas que vai balizar o acordo que está sendo negociado com o Fundo Monetário Internacional (FMI), da aprovação ainda este ano da reforma tributária e da redução dos gastos públicos, é preciso conter o crescente déficit das transações correntes, que já está em US\$ 36 bilhões.

"Vamos ter que reduzir este déficit e o Governo precisa de saldo positivo na balança comercial, tornar as exportações mais competitivas e nesse ponto será necessário desvalorizar o real. Grande parte da Ásia desvalorizou suas moedas, o câmbio é a chave. Desvalorizar agora é estourar o País, mas gradualmente, lentamente, ao longo de 1999, será inevitável", diz o economista da UnB. Ele segue uma linha similar à do presidente do Banco Central, Gustavo Franco, de que é preciso promover uma desvalorização lenta - que hoje está na casa dos 7% ao ano.

"Mas o Gustavo Franco é tímido nesse procedimento", explica Nogueira que defende algo em torno de 20%. Na mesma esteira está Eduardo Gannetti, que prega uma desvalorização de 25% da moeda brasi-

leira frente ao dólar. O ex-ministro Rubens Ricupero também concorda que para incentivar as exportações e reequilibrar a balança comercial, o real está sobrevalorizado e só uma desvalorização de aproximadamente 30% poderia reaquecer o setor.

## Custo

"Isto vai ter um custo alto em termos de inflação interna. A economia brasileira vai ser jogada numa recessão de tal monta em 99 que a desvalorização da moeda nem aparecerá tanto", prevê Jorge Nogueira. Ele correlaciona essa equação com uma desvalorização de 15% do real para cada 2% de inflação anual. Segundo os economistas da UnB, com um crescimento negativo de 2% do Produto Interno Bruto (PIB) no próximo ano, as empresas serão forçadas a "jogar para fora", terão que exportar.

"Mas se a economia norte-americana esfriar e a européia estagnar - por conta de ajustes internos do continente e a absorção dos problemas dos ex-países comunistas - vamos ter que vender para o Mercosul. Mas o Mercosul não tem o Brasil como o grande mercado regional?", questiona Charles Curt Mueller. Nesse caso, o bloco do Cone Sul também não terá como comprar os produtos brasileiros e aí Charles Mueller se assusta com a possibilidade de uma depressão mundial como ocorreu nos anos 20, já que a economia global estará parada. (R.L.)